

## DE UMA PASTA DE VELHOS RECORTES

### UM IDEALISTA REALIZADOR\* (Barão Geraldo de Rezende)

Affonso de E. TAUNAY

A 17 de abril de 1947 um século haverá que, na cidade do Rio de Janeiro, veio ao mundo alguém que, em não longa existência, de pouco mais de sessenta anos sobremodo enobrecer a nossa Pátria a que prestou elevados serviços de ordem cívica e cultural. Era ele Geraldo Ribeiro de Souza Rezende, Barão Geraldo de Rezende. Provinha de um dos mais prestigiosos lares do país, último filho de um dos mais destacados próceres da Independência nacional, o Marquês de Valença.

Magistrado em Portugal e no Brasil, Intendente dos Diamantes, Intendente Geral da Polícia, Desembargador da Casa da Suplicação, Ministro itinerante de D. Pedro I durante a famosa viagem de pacificação a Minas Gerais, em 1822, deputado à Constituinte, ministro do Império da Marinha, no Primeiro Reinado, senador do Império por Minas Gerais, sua província natal, Conselheiro de Estado, dignitário do Cruzeiro e de Cristo, representou, em longa carreira na judicatura e no Parlamento, papel dos mais salientes. Mostrou-se, invariavelmente, um dos mais valiosos representantes dessa dignidade parlamentar que durante decênios assegurou ao Brasil imperial tão brilhantes dias.

Propulsor esclarecido do progresso do país, figura-lhe o nome, ainda, entre os dos grandes pioneiros da cultura cafeeira intensiva e das nossas mais antigas iniciativas em favor da colonização européia em sua grande fazenda "das Coroas", em Valença, uma das maiores do Brasil de 1850.

---

(\*) Publicado no "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro, de 13 de abril de 1947.

Por sua mãe, D<sup>a</sup> Ilídia M. de Souza Queiroz, prendia-se o Barão Geraldo de Rezende a um tronco tradicional dos mais antigos e celebrados das linhagens de São Paulo, os Pais de Barros a que se aliara o Brigadeiro Luís Antônio de Souza Queiroz (1760-1819), português que, ao falecer, era um dos mais opulentos súditos de Dom João VI.

Contava o Barão Geraldo de Rezende apenas nove anos de idade, ao morrer o Marques de Valença. Foi-lhe a educação dirigida pela Marquesa, que, ao marido, sobreviveu mais de vinte anos.

Fez com que o filho estudasse com os melhores mestres e então existentes no Rio de Janeiro e levou-o depois à Europa a fim de que se aperfeiçoasse nas principais línguas estrangeiras, de lá voltando perfeitamente senhor do francês e do inglês. Como por motivo de saúde de uma de suas filhas precisasse a Marquesa de Valença deter-se na Europa, resolveu que o filho fosse estudar em Coimbra. Assim, em 1864 vemo-lo na cidade do Mondego preparando-se para cursar a Universidade do Rei Lavrador.

Mas a morte de duas de suas irmãs em França fez com que, a chamado da mãe, deixasse Portugal a fim de voltar ao Brasil, onde ficou entregue aos cuidados de seu irmão Estevão, já então formado em Direito pela Faculdade de São Paulo. Tendo concluído os preparatórios, matriculou-se o jovem estudante no curso jurídico, cujas aulas frequentou durante três séries, mas a contragosto, pois desde menino irresistível vocação o arrastava para o campo da agronomia e da agricultura.

Era destes fanáticos do café, “a mais linda de todas as lavouras” e seus primeiros olhares conscientes, ao despertar da vida, se haviam fixado no cafezal. Pertencia a uma família de grandes cafezistas, dos maiores do Império, e que contava, além dos pais, numerosos tios e primos, senhores de grandes lavouras.

Assim os seus tios maternos Barões de Souza Queiroz e de Limeira, de Itu e de Piracicaba, o tio e cunhado Comendador Souza Barros, o primo afim, Conselheiro Barbosa de Oliveira, o irmão Luíz de Rezende, e ainda diversos primos. Fora seu avô Brigadeiro Luís Antônio de Souza, o maior fazendeiro de São Paulo, espantando-se Luís de Alincourt em 1819, da extensão de suas enormes lavouras de Campinas e do grande número de suas propriedades agrícolas.

Assim a Marqueza de Valença obtemperando ao ardentíssimo desejo do filho, cedeu-lhe a fazenda avoenga de Santa Genebra, no município

de Campinas. Ali exerceria Geraldo de Rezende durante trinta e sete anos, ate o dia de sua morte, em sua própria casa-grande, ininterrupta e fadigosa atividade de que lhe resultaria a justa reputação de um dos mais notáveis líderes da lavoura cafeeira no Brasil, agricultor emérito, apontado como um dos paradigmas de perfeito lavrador de café.

Existe sobre o benemérito brasileiro, de quem estamos esboçando despretensioso e sumário perfil e a obra que soube realizar, o mais valioso guia, uma das mais completas biografias jamais escritas em nosso país: **Um idealista realizador**, da lavra da Exma. Sra. D. Amélia de Rezende Martins. Livro interessantíssimo e, por assim dizer, obra ímpar em nossa bibliografia nacional, tão falha ainda, de depoimentos abundantes sobre a vida e os costumes de antanho, sobretudo os que se referem à intimidade familiar. Referta de documentação, tão copiosa quanto variada, proporciona ao estudioso, além do conhecimento dos pormenores da existência do biografado, esplêndido campo de observação a quem queira surpreender os aspectos sociais da vida de outrora, além de encerrar abundante manancial informativo de ordem política.

Antiga fazenda de cana, maltratada com uma casa-grande muito velha, de pau-a-pique ressurgiria Santa Genebra, dentro em pouco, transformando-se em verdadeira propriedade modelar para os cafeicultores, com as benfeitorias magnificamente renovadas e acrescidas. À sede reconstruída não tardaria que envolvessem lindos jardins e esplêndido vergel.

Disposto a fazer de sua propriedade verdadeiro campo experimental lançou-se o jovem fazendeiro, de corpo e alma, a insano trabalho. E, testemunho tocante revelado por sua biógrafa, não duvidou, nos primeiros dias, em recorrer à experiência de competente e humilde guia, simples escravo, encanecido no eito do cafezal, o Antoninho, sabedor, como raros, das melhores práticas da cafeicultura de seu tempo e das lavouras conexas à do café. Foi o inteligente e experimentado servo quem ao seu senhor muito desvendou das boas práticas do amanho do cafezal e das roças. E assim encetou o moço fidalgo da Casa Imperial e elegante **boulevardier** parisiense a vida de lavrador a que imprimiria inquebrantável tenacidade até converter-se no agricultor que com justificado desvanecimento poderia aplicar-se à inteireza do conceito terenciano do **Homo sum**...

Insaciável amanhador da terra, apaixonado de tudo quanto ao quadro de sua propriedade traria o realce da beleza e da variedade, desde os

primeiros dias praticou intensamente as normas de uma arboricultura tão profusa quanto adequada. Enquadrou as estradas da sua grande propriedade numa moldura dos mais magníficos aspectos que com o correr dos anos chegou a apresentar majestosos conjuntos.

Vivendo a menos de légua de Campinas, era natural que o jovem fazendeiro tomasse parte ativa na vida municipal da Princesa do Oeste paulista. Membro do Partido Conservador, não tardaria em compartilhar das lutas políticas locais da cidade que dia a dia notavelmente crescia graças ao incremento da lavoura cafeeira vicejando prodigiosamente num dos mais férteis solos do Brasil, célebre pela presença do seu famoso massapé.

A chegada a ela dos trilhos da Companhia Paulista, em 1872, trouxe-lhe notável surto de progresso. Três anos mais tarde transformava-se a Princesa do Oeste em novo centro vibratório do desenvolvimento da rede ferroviária nacional com a fundação da Companhia Mogiana. Viria Dom Pedro II inaugurar o primeiro trecho do tronco da futura grande via de penetração que rumava para o interior paulista e para o Triângulo Mineiro. Aprimorava-se notavelmente o aparelhamento civilizado da cidade de Carlos Gomes e parte ativa tomava o Senhor de Santa Genebra no estado de cultura que nela se acentuava.

Em 1876 casava-se o Comendador de Cristo (desde 1870) Geraldo de Rezende com sua prima, em segundo grau, D. Maria Amélia Barbosa de Oliveira, filha do Desembargador Albino José Barbosa de Oliveira, de família baiana e de D. Isabel A. de Souza Queiroz. Bacharel formado e Coimbra e magistrado durante toda a existência, fora o Conselheiro Albino juiz de fora e juiz de direito em São João del Rei, Cachoeira, Nazaré e já e 1842, aos trinta três anos de idade Desembargador da Relação do Pará. Em 1846 passava para o Rio de Janeiro, tendo sido em 1864 nomeado para a mais alta corte do Império, o Supremo Tribunal de Justiça. Deixou interessantíssimas **Memórias**, há pouco eruditamente anotadas e publicadas por seu bisneto, Américo Jacobina Lacombe o brilhante diretor da Casa de Rui Barbosa.<sup>1</sup>

Já na época dos esponsais de seu dono gozava Santa Genebra a fama de fazenda verdadeiramente modelar. Cada vez a ela mais radicado, com as veras do atavismo de sua gente fazendeira, não decorria milésimo que

(1) Refere-se Taunay ao livro **Memórias de um magistrado do Império**, volume 231 da Coleção "Brasília", da Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1943. Américo Jacobina Lacombe, então diretor da Casa de Rui Barbosa, faleceu em 1993.

o Comendador Rezende deixasse de introduzir algum melhoramento de vulto em suas benfeitorias e lavouras e procurasse aperfeiçoar os processos de suas culturas. O melhor maquinário Lidgerwood e Mac Hardy beneficiava-lhe o café. Cresciam os terreiros ladrilhados, as tulhas, as tendas, a serraria, estrebarias e mangueiras. Viriam-lhe lavouras gratas ao número e capricho das carpas. Ao lado do velho Visconde de Indaiatuba, líder da lavoura campineira e um dos líderes da colonização europeia nos cafezais paulistas, destacara-se o jovem proprietário de Santa Genebra.

Por volta de 1878 transpuzera a reputação da fazenda os limites de São Paulo. Era ela visitada pelo diplomata francês Conde de Turenne que a Campinas fora conhecer a famosa **Sete Quedas**; do Visconde de Indaiatuba, dirigindo-se depois à propriedade de Geraldo de Rezende. Era este então, os diretores do Clube da Lavoura de Campinas. Muito se empenhou em que a cafeicultura campineira se fizesse representar no pavilhão brasileiro da Exposição Nacional de Paris, o que se realizou com extraordinário êxito. Quarenta e sete fazendas campineiras expuseram seus cafés, magnificamente trabalhados, cujo aspecto causou verdadeira admiração nas rodas cafezistas. Coube ao Comendador Rezende notável parte neste triunfo. Por intermédio do seu parente Visconde Rodrigues de Oliveira, grande comissário, conseguiu interessar no caso o acatadíssimo presidente da Câmara de Comércio do Havre, personalidade que alguns anos mais tarde alcançaria o maior destaque: um presidente da República Francesa, Félix Faure.

Percebendo quanto o braço livre rendia mais que o escravo, integrou-se o Comendador Rezende no grande movimento imigracionista de São Paulo. Ao lado de sua escravatura, aliás, por ele e a esposa tratada com verdadeiro desvelo, entregou a numerosas famílias italianas grande parte dos seis talhões. E verificando que entre estes colonos havia numerosos iletrados, tratou algo de os fazer alfabetizar, fundando uma escola noturna para os adultos e diurna para as crianças.

Tendo fundado o mais feliz dos lares vivia o grande fazendeiro entregue ao diuturno labor do cultivo de seus cafezais e ao enlevo das alegrias familiares. Não tardaria, porém, que de perto se envolvesse nas lutas partidárias do município, da província e do país. Conservador zeloso e monarquista convicto se pôs ao servo do seu partido na luta contra os poderosos elementos republicanos de Campinas, o maior foco do republicanismo não só paulista como nacional.

Ardoroso batalhador, começou por pleitear e alcançar um lugar de vereador à Câmara Municipal local, mas como homem do mais perfeito

**fair play** - tal a correção e fidalguia das atitudes, que jamais se desaveio com os adversários, a quem, com todas as forças combatia, fossem eles liberais ou republicanos. Entre estes últimos contava grandes e ilustres amigos como Campos Sales e Glicério. Jamais se estremeceram estas relações, pois, como relata a sua biógrafa, “não dava importância às pirraças políticas e não tinha inimigos fora das lutas partidárias e das ocasiões da pejeja”.

Acha-se o seu arquivo pejado de documentos de toda a espécie, provindos de adversários políticos. Entre estes contava, como tão grande quanto devotado amigo, a Campos Sales, de quem numerosas cartas se reproduzem no livro de D. Amélia de Rezende Martins, a confirmar esta asserção. Tal amizade, alicerçada em grande e recíproco respeito, nunca arrefeceu. Morto o **landlord** de Santa Genebra, ao encontrar-se o presidente da República de 1898 a 1902 com as filhas de seu amigo viram elas encherem-se-lhe os olhos de lágrimas.

De 1883 a 1886 serviu Geraldo de Rezende à sua municipalidade com o zelo que punha em quanto emprendia. E a eficiência desta atuação deixou-a bem frisada Leopoldo Amaral, o abalizado historiógrafo da grande cidade paulista, em seus anais. Quanta iniciativa progressista houve, encontrou-o cheio do ardor a defendê-la. Assim, por exemplo, quanto à instalação do serviço de águas e esgotos, à intensiva arborização urbana, etc. Podia a política apaixoná-lo, mas não lhe diminuía o carinho que mereciam as suas terras. Constante a sua preocupação pela melhoria dos métodos de cafeicultura.

Era o que desde 1879, verificara uma das mais altas inteligências que o Brasil conseguiu atrair, a de Louis Couty, homem desaparecido aos trinta anos de idade, deixando o mais profundo sulco do talento que o animava. Quer no lúcido relatório sobre as condições da lavoura paulista, em 1879, quer no famoso estudo de 1882: **Essai de biologie industrielle sur le café**, surgem numerosas vezes os nomes de Geraldo de Rezende e de Santa Genebra, constantemente louvados.

Falando dos homens de prol da lavoura paulista, de cuja atuação tanto havia que esperar, em benefício da substituição do trabalho servil pelo labor livre, em terras de São Paulo, e o aperfeiçoamento da ciência agrônômica aplicada ao cafezal, escrevia o ilustre discípulo do grande Vulpian, a quem a sorte cruel cortou o fio da vida para o impedir de igualar a seu mestre: "Exceção feita de uma única província, a de São Paulo onde os grandes proprietários territoriais demonstram grande espírito de iniciativa e progresso,

que é que alhures já se fez? Nada ou quase nada! Melhor do que nós sabem aquilo que fazem os Antônio Prado, Indaiatuba, Geraldo de Rezende, Queiroz Teles e todos esses pioneiros da colonização paulista”

Três anos mais tarde, em 1882, referia-se Couty entusiasticamente à atuação do Clube da Lavoura de Campinas que levou à Exposição Universal de Paris as amostras magníficas de seus cafés apurados. E referindo-se a seus próceres individuais: “A homens já velhos tão prestantes como Souza Queiroz e Indaiatuba que, em 1850, e no meio da geral indiferença, encetaram as duas reformas do aparelhamento e do povoamento agrícolas, instalando, em suas fazendas, engenhos e colonos, o Clube de Campinas congregou elementos novos como Geraldo de Rezende, Queiroz Teles, Tibiriçá (João Tibiriçá Piratininga) e os Lacerda que encabeçaram o admirável desenvolvimento da sua província”.

Foi esta ânsia pela renovação e o progresso que dominou a Geraldo de Rezende, procurando dotar a sua fazenda do maquinário mais recente e aperfeiçoado. Assim, em 1884, instalava em Santa Genebra um aparelho que acabavam de inventar no Rio de Janeiro dois jovens engenheiros brasileiros: o **secador Taunay-Teles**, de autoria dos Drs. Luís Gofredo de E. Taunay e Augusto C. da Silva Teles.

Desta máquina diria, alguns anos mais tarde, o ilustre agrônomo Daffert, que ao seu entender era, com o secador de Augusto Ramos, a melhor de quanto viera a ter conhecimento, num exame que abrangera várias dezenas dos mais acreditados secadores de café do mundo.

Com a mais fidalga festa - concorrida por muitas das mais destacadas personalidades da lavoura cafeeira paulista - celebrou o grande fazendeiro a inauguração da máquina dos inventores que de Santa Genebra saíram a ele, e aos seus, presos pelos laços de uma amizade a que só a morte viria pôr término.

Proseguindo da indefesa labuta não tardou que o Comendador Rezende desse novas demonstrações de sua ânsia pelo progresso e o aperfeiçoamento da grande cultura que o apaixonava. Em fins de 1885 a Exposição Regional de Campinas proporcionou-lhe o ensejo de novos e grandes triunfos, ao concorrer ao certame com grande número de lotes de café primorosamente beneficiados, além de muitas mudas virantas de numerosas espécies e variedades do gênero **Coffea**. No consenso unânime coube-lhe o primeiro lugar como expositor de café, não se limitando contudo a esta vantagem, pois também figurou, e com o maior destaque, em matéria

de produção sacarífera, cerealífera, etc. Assim, não houve quem dissentisse da opinião do juri ao lhe conferir o excepcional **Grande Diploma de Honra**.

Novos triunfos iriam, dentro em breve, caber-lhe na Exposição das Três Américas, em Nova Orléans e na Exposição Sul-Americana de Berlim, ambas em 1886, onde os seus cafés alcançaram várias medalhas de ouro.

Posição de grande destaque alcançava Geraldo de Rezende no seio do seu Partido Conservador. Assim já em fins de 1885 estivera o seu nome muito em evidência como possível candidato à Câmara dos Deputados, pelo sétimo distrito de São Paulo. Falecendo o segundo Martim Francisco, em princípios de 1886, resolveram os chefes conservadores apresentá-lo à vaga do ilustre Andrada. Nos comícios de 14 de julho de 1886 alcançou notável vitória obtida em primeiro escrutínio com 941 votos num total de 1841 eleitores. Derrotou a um amigo ilustre, Campos Sales. A 11 de agosto seguinte empossava-se da cadeira que iria ocupar durante toda a vigésima legislatura.

No Parlamento tomou o novo representante de São Paulo ativa parte nos debates referentes a questões de interesse prático, como a discussão dos orçamentos da Agricultura, os projetos relativos à colonização européia, a dispensa dos direitos de importação de maquinário agrícola e ferroviário, organização de serviços de navegação, assuntos relativos à Companhia Mogiana, etc.

Ainda em 1886 acompanhou a Dom Pedro II e à Imperatriz durante parte da viagem que os monarcas fizeram pela província de São Paulo.

Coube-lhe figurar entre os 88 membros da Câmara Temporária que a 9 de maio de 1888 aprovaram o projeto extintor da escravidão no Brasil.

A 19 de janeiro de 1889, viu-se o fiel partidário agraciado com o título de Barão de Iporanga. Mas, como não lhe agradasse o nome, pediu e obteve a 19 de junho seguinte, que o título fosse mudado para o de Barão Geraldo de Rezende. Já diversos de seus irmãos haviam recebido igual distinção: Pedro, o de Barão de Valença; Estevão, o de Barão de Rezende e seu meio irmão Estevão o de Barão de Lorena.

No verão de 1889 irrompeu terrível surto de febre amarela em Santos e em Campinas. Às duas cidades, terrivelmente flageladas, visitou o Conde d'Eu e o Barão de Iporanga o acompanhou fielmente na peregrinação

pelos hospitais campineiros. Debelada a epidemia, voltou ao Rio de Janeiro para os trabalhos legislativos, cassados com os acontecimentos de junho de 1889 e queda da situação conservadora e a organização do gabinete presidido pelo Visconde de Ouro Preto. Dissolvida a Câmara, a 17 de junho, e convocada nova para 20 de novembro, imediato voltou o Barão Geraldo de Rezende a Campinas a fim de preparar as eleições para a 21ª legislatura. Verificando que a subdivisão de esforços daria como resultado o triunfo do candidato republicano, Campos Sales, nobremente abriu mão de suas pretensões à reeleição, pedindo ao seu eleitorado votasse no candidato liberal, Dr. Silveira Cintra, que foi o eleito em virtude da coligação monárquica.

Com o 15 de novembro encerrou-se a carreira política do Barão Geraldo de Rezende. Irredutivelmente fiel às instituições derribadas, mantendo relações com a Família Imperial, outra coisa não se podia esperar de um homem de seu caráter e passado.

Pouco antes da queda do Império vira, na Exposição Universal de Paris, em 1889, os seus cafés receberem os mais altos prêmios.

Concentrou-se o antigo político e parlamentar no aperfeiçoamento de seu cafezal e dos seus cafés, distraíndo-se com o embelezamento de sua cada vez mais linda propriedade. Esposo e pai incedivelmente carinhoso, vivia numa atmosfera de afeto como a poucos humanos foi dado poder fruir. Em 1902 terrível abalo lhe trouxe a perda da esposa. Refugiou-se na consolação do trabalho intenso.

Continuava, à margem da política, a cuidar de questões de agricultura e colonização, colaborando freqüentemente com os cientistas do Instituto Agrônomo de Campinas, a que tanto deve o país. Aos passos, vinha o Barão Geraldo acompanhando, sobretudo quanto à agronomia do café, isto desde a sua fundação. Ligou-se muito a agrônomos ilustres como Daffert e Draenert.

Como diretor da Companhia Sul-Brasileira foi, com seu genro, o reputado clínico e apaixonado cafeicultor, Dr. João de Assis Lopes Martins, um dos organizadores do Núcleo Colonial Campos Sales, inaugurado em 1909. Nele se localizaram centenas de famílias de colonos europeus que ali prosperaram notavelmente. Mas, de 1898 em diante, de ano para ano decorreu uma série de milésimos em que, cada vez mais penosas, tornavam-se as condições financeiras dos lavradores de café.

Produzia a plenitude dos nefastos efeitos a dupla inflação do papel moeda fruto do Encilhamento, decretado a 17 de janeiro de 1890 e do

plântio excessivo da rubiácea, decorrente das exigências do consumo e facilitado pelo alargamento inconsiderado do crédito oriundo da derrama pródiga do numerário aviltado. Atingiu a crise, sobretudo, os fazendeiros dos municípios velhos. Nas imediações de 1902 nem os que dispunham de terras novas, com produções abortivas, estavam em condições de alcançarem saldo do produto de suas lavouras. Verificou-se a justeza de um aforisma muito conhecido em São Paulo e atribuído a Martinho Prado Júnior: “café dá casaca, mas, também, às vezes, tira a camisa”.

Foi o Barão Geraldo de Rezende, como aliás, milhares de fazendeiros, colhido pela baixa dos preços e sobremodo prejudicado. Mas, nem por isso perdeu a serenidade e a confiança no café. Lutou heroicamente contra a terrível depressão dos preços da arroba, procurando estabelecer novas fontes de renda, em suas terras. Assim, em 1903, tentou o cultivo da aramina, a nova planta têxtil a cuja fibra acabavam de dar extraordinário relevo as magníficas experiências do Dr. Augusto C. da Silva Teles. Mas tal empresa correspondia a verdadeira antecipação dos tempos e fracassou quando hoje, do plântio desta utilíssima malvácea, auferem excelentes rendimentos diversas plantações que com a **urena lobata** cobrem largas áreas, como, por exemplo, sucede com o Sr. Mário André em Taubaté.

Não pôde o Barão Geraldo de Rezende ver os resultados da primeira valorização do café, cujos resultados excelentes só se comprovaram de 1910 em diante. A 1º de outubro de 1907 desaparecia do mundo, prostrado por um colapso cardíaco, em sua querida Santa Genebra. Numerosas e eloqüentes demonstrações de pesar, públicas e particulares, assinalaram o desaparecimento do benemérito servidor do Brasil. Recordou a imprensa, de modo veemente, o que fora a vida, tão belamente preenchida, do eminente homem publico e agrônomo.

Face dessa existência então muito lembrada, veio a ser o fato de que, durante mais de um quarto de século, sua fazenda foi a mais visitada por quantos viajantes de destaque que haviam passado por São Paulo e desejavam conhecer uma fazenda modelar. No álbum onde esses viajantes deixaram as impressões de sua visita inscrevem-se muitos nomes ilustres, eminentes ou simplesmente acatados: chefes e ministros de Estado, príncipes brasileiros e estrangeiros, homens de governo, políticos e parlamentares, professores universitários, diplomatas, publicistas, homens de letras, grandes comerciantes e banqueiros, oficiais da marinha nacional e de armadas estrangeiras, etc., isto sem contara avultada porcentagem dos agrônomos cafezistas.

Com a inalterável e perfeita fidalguia a todos acolhia prazenteira e pacientemente o grande fazendeiro. Nada mais expressivo do que um

bilhete de Campos Sales, datado de 1897, encaminhando-lhe a visita de um ministro plenipotenciário: “Tenha paciência! uma vez que teve a infelicidade de constituir boa fama entre os estrangeiros...” A 6 de junho de 1906, de novo escrevia Campos Sales ao amigo e ex-adversário político que o derrotara, exprimindo-lhe “poucos homens teriam tanto direito, quanto ele, à farta compensação. A ninguém conhecia mais energicamente laborioso e bem raros eram os que o poderiam igualar na faina infatigável.”

Pungentemente recorda a biógrafa do Barão Geraldo de Rezende as palavras duras a cada passo exatas, do cruel conceito de um dos escritores que mais souberam demonstrar a similitude lapidar do latim e do nosso vernáculo: “Se servistes à vossa Pátria e ela vos foi ingrata, fizestes o que devíeis e ela o que costuma.”